

TRADUÇÃO FUNDIDA NO VÍDEO-POEMA FEMINISTA “ATÉ QUANDO”, DE RENATA FREITAS, POR GRAZIELE GOMES: UMA CRÍTICA DA TRADUÇÃO

Neiva de Aquino ALBRES¹
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
neivaaquino@yahoo.com.br

RESUMO: Esta pesquisa aborda a “tradução” de Libras para o português, realizada por Grazielle Gomes, do poema de Renata Freitas intitulado “Até quando” e fundamenta-se nas teorias funcionais e críticas dos Estudos da Tradução (Reiss, 2000). Adota-se uma abordagem de pesquisa qualitativa, utilizando como metodologia de pesquisa a crítica de tradução (Campos, 1992; Cardozo, 2015). São descritas as estratégias utilizadas para a tradução, focando em quatro dimensões: 1) camada da Libras e encenação; 2) camada do português falado; 3) música; e 4) sonoplastia. Foram analisadas a composição da materialidade e partida (vídeo) e texto de chegada (tradução) como o amálgama no produto vídeo-poema corporificado e falado em português.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica da tradução; Tradução fundida; Poesia em língua de sinais; Vídeo-poema; Feminismo.

FUSED TRANSLATION IN THE FEMINIST VIDEO-POEM “ATÉ QUANDO” BY RENATA FREITAS TRANSLATED BY GRAZIELE GOMES: A TRANSLATION CRITIQUE

ABSTRACT: This research addresses the translation from Libras (Brazilian Sign Language) into Portuguese of Renata Freitas’s poem titled “Até quando”, carried out by Grazielle Gomes. The study is grounded in functional and critical theories within Translation Studies (Reiss, 2000). Adopting a qualitative approach, it uses Translation Critique as its methodology (Campos, 1992; Cardozo, 2015). The strategies employed in the translation are described focusing on four dimensions: 1) the Libras layer and performance, 2) the spoken Portuguese layer, 3) music, and 4) sound design. The analysis examines the composition of the source materiality (video) and the target text (translation) as an amalgam within the embodied video-poem product spoken in Portuguese.

KEYWORDS: Translation critique; Fused translation; Sign language poetry; Video-poem; Feminism.

1 INTRODUÇÃO

As vozes das mulheres surdas foram permanentemente silenciadas, invisibilizadas e negligenciadas. Apesar das dificuldades, pintoras, artistas e poetisas têm trazido à tona, por

¹ Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução – PGET, Núcleo de pesquisa em Interpretação e tradução de línguas de sinais e línguas vocais – INTERTRADS. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-1567-297X>; neiva.albres@ufsc.br

meio da arte, questões tensas sobre a vida das mulheres que se fundem ao artístico e tocam o ser. A arte inclui escultura, performances teatrais, poesia e pintura, por exemplo, as pinturas de Kilma Coutinho que, pela sensibilidade da artista surda pernambucana, abordam temas sensíveis com delicadeza.

Figura 01 - As mãos estão constantes em movimento
Misto sobre tela 50x70



Fonte: https://www.instagram.com/p/DEjDwB5JldC/?img_index=1

A tela denominada “As mãos estão constantes em movimento” (fig. 1), assim como outras obras da artista, apresentam corpos de mulheres marcados por ramos de plantas no ouvido. As partes íntimas estão escondidas, mas revelam a beleza e o toque. Na tela, também, por meio de palavras, é transmitida a mensagem “*mulher surda não é deficiente*” e “[...] *pelos meus olhos posso ver o mundo*”, o que nega a incapacidade e enfatiza as possibilidades da visão.

Por muitos anos, as comunidades surdas foram constituídas por mulheres surdas líderes, conselheiras, trabalhando para a orientação e o acolhimento de outras mulheres surdas em suas necessidades privadas, aconselhando e conversando em Libras, visto que geralmente as famílias a que pertenciam eram ouvintes e não tinham espaço para a escuta especializada. Mais recentemente, presenciamos nomes de mulheres surdas em destaque, como professoras, na pesquisa, na política e na literatura. A esfera artística em Libras tem crescido significativamente na última década, consequência da política linguística nacional conquistada pelas comunidades surdas (Albres, 2020a, 2020b).

No campo da literatura em Libras, passa a figurar poetisas que trazem para a arte a sensibilidade da mulher surda, uma visão sobre as condições desiguais e específicas de ser mulher e de se constituir pela Libras. A arte em Libras transpassa os aspectos linguísticos e transgride a visualidade ordinária.

A criação poética em língua de sinais consiste na produção de uma linguagem estética visual e cria uma experiência emocional afetiva para o público. Pela produção poética, não apenas se diz ou faz uma afirmação, mas permite que o interlocutor reflita, sinta e se emocione (Sutton-Spence, 2021).

Para este texto, nos interessa analisar a “tradução” de Libras para o português, realizada por Grazielle Gomes (tradutora ouvinte), do poema de Renata Freitas (poetisa surda) intitulado “Até quando”. A questão que se coloca é: Quais elementos enunciativo-discursivos a tradução consegue reconstruir? Qual a tensão entre distanciamento e aproximação do poema que inspira a tradução dela? Que papéis a tradução tem no produto vídeo-poema corporificado em Libras e falado em português?

2 MULHERES SURDAS PROGRESSISTAS, FEMINISTAS, ATIVISTAS E POETISAS

Mulheres surdas progressistas e ativistas desempenham um importante papel social na luta pela equidade, acessibilidade e direitos, tanto dentro quanto fora das comunidades surdas. Elas atuam em diversas frentes, incluindo política, educação e ativismo social. A Federação Nacional de Educação de Surdos (FENEIS) é conhecidamente a Instituição que representa as comunidades surdas no Brasil, filiada à *World Federation of the Deaf* (WFD), globalmente promove e subsidia a formulação de políticas públicas e a defesa dos direitos humanos das pessoas surdas, inclusive de mulheres surdas. Estas, desde o início, compuseram a diretoria da instituição FENEIS e, em diferentes papéis, contribuíram para o

movimento específico de mulheres surdas, buscando ativamente a igualdade de direitos e a quebra de barreiras comunicacionais.

As mulheres surdas iniciaram a luta no campo da educação, da política, da assistência social e jurídica e enfatizaram a necessidade de canais de denúncia acessíveis para casos de violência, pois a falta de comunicação adequada, muitas vezes, impede o acesso à justiça (Perlin; Vilhalva, 2016). A luta por uma maior presença feminina surda em espaços de poder, onde as decisões são tomadas, é um pilar do movimento, visando transformar a política e a sociedade. Esse fato foi evidenciado pela liderança feminina no campo da Política, como Shirley Vilhalva (Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (Corde); Priscilla Gaspar (Secretária Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência); Karin Strobel, Crisiane N. Bez Batti, Patrícia Luiza Ferreira Rezende-Curione, Marila Lima, Mariana Campos (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão – Secadi) entre outros espaços locais (estaduais e municipais) no decorrer da história).

Figura 02 - Capa e contracapa da revista da FENEIS em referência ao I Congresso Latino-Americano de Mulheres Surdas Líderes, 2004, Minas Gerais



Fonte: Feneis (2005)

Guerretta (2023) estudou sobre o protagonismo das mulheres surdas e destaca a atuação de mulheres como Gladis Perlin e Shirley Vilhalva ainda nos anos de 1980. Em entrevista concedida para sua pesquisa, compilou depoimentos interessantes sobre o I

Encontro Latino-Americano de Mulheres Surdas Líderes, em Belo Horizonte/MG, no ano de 2004. A professora Gladis Perlin relembra que

quando passamos a olhar sobre nós como mulheres surdas, mudamos para melhor. As mulheres surdas hoje têm mais experiências vividas em conjunto e compartilhadas. As mulheres surdas estão mais conscientes do que precisa ser feito. No passado iniciamos lutas em conjunto para a busca de novas respostas às várias dominações, entre elas a questão da inferioridade/invisibilidade diante das mulheres ouvintes. E não somente isso. A maioria das mulheres surdas com as quais tenho contato se engajaram nas lutas por questões surdas, entre elas: educação bilíngue, questões de saúde, de direitos humanos, de proteção e acessibilidade à mulher surda. No fundo esse comportamento nada mais é do que uma virada em nossas vidas. Se essas questões não chegaram a todas as mulheres surdas não importa, o que importa, é que um contingente de mulheres surdas hoje segue e entende sua diferença (Depoimento de Gladis Perlin) (Guerretta, 2023, p. 92).

Gladis Perlin indica a semente para a formação de mulheres surdas empoderadas que se unem para lutar por equidade e combater opressões específicas, formando uma nova geração de surdas feministas. “[...] Não somos a mulher deficiente, e sim a mulher que usa outra língua, que tem suas tradições culturais com suas experiências visuais e que precisa conservá-las para poder viver de forma condizente” (Perlin; Vilhalva, 2016, p. 153).

Na trajetória surda há muitas lutas pelo direito de uso da Libras, identidade e cultura. O sofrimento ainda permeia as mulheres surdas pela falta de informação, não tendo conhecimento a respeito das leis, direitos como saúde, gestação com acompanhamento, entre outros; muitos deles são totalmente ignorados. Esses fatores são facilmente constatados quando participamos de um movimento social e percebemos sua forma hierárquica de organização (Silva, 2017, p. 3).

Apesar da Libras como dimensão constitutiva e de aproximação, as mulheres surdas mais instruídas e líderes eram as mulheres brancas e provenientes de famílias com vantagem financeira. “Ao se constituírem mutuamente e se retroalimentarem, os efeitos do duplo estigma potencializam a exclusão das mulheres com deficiência, processo que se complexifica ainda mais quando cruzado com outras categorias como raça/etnia e classe” (Mello; Nuernberg, 2012, p. 61). “A crescente presença feminina na liderança dos

movimentos surdos pode estar relacionada a essa maioria de professoras, que carregam para os movimentos características da organização escolar” (Klein; Formoso, 2017, p. 01).

Shubert (2022) problematiza a situação das mulheres surdas que, em sua maioria, possuem limitação do acesso às informações, em especial sobre sua saúde sexual/reprodutiva. Em diversos casos, são dependentes, monitoradas e até coagidas por outras pessoas a conduzirem sua vida mediante o desejo alheio. A situação de vulnerabilidade é um fato que precisa ser enfrentado por meio de políticas públicas.

Problemas específicos das mulheres surdas, como violência doméstica, violência patrimonial, capacitismo materno de surdas, preconceito linguístico e acessibilidade demandam ações específicas para a mobilização de organizações para a luta e a formação de novos membros para a liderança política, para a necessidade de representatividade e para a criação de um plano de ações diretivas. Programas voltados para as mulheres surdas têm despontado, na última década, como o Programa de Extensão “Tradutores e intérpretes de línguas de sinais na esfera jurídica” (TILSJUR), desenvolvido na UFSC, sob a coordenação da professora e doutora Silvana Aguiar dos Santos: “No Brasil, os movimentos das mulheres surdas, ainda que escassos, exercem um papel fundamental na produção e difusão de informações, em Libras, sobre os direitos das mulheres e os direitos humanos” (Araujo; Stumpf; Pinheiro, 2023, p. 172). Projetos pedagógicos com alunos surdos também são um importante espaço de discussão e conscientização das comunidades surdas, incluindo mulheres e homens surdos (Rodrigues; Araujo, 2025).

Mais recentemente desponta um movimento literário e social de mulheres surdas feministas (Albres, 2024). Essas mulheres e os coletivos que integram demonstram que a luta progressista abrange a inclusão e a valorização de todas as identidades, garantindo que as vozes das mulheres surdas sejam ouvidas e respeitadas. Oliveira (2023) estudou a ação de mulheres surdas feministas nas redes sociais e possíveis desdobramentos na Educação.

Identificou redes como *Instagram*, *Facebook* e *Youtube*, com perfis de todas as regiões do Brasil, ligados às universidades e escolas secundaristas. A autora surda identifica um novo feminismo com perfil jovem das ativistas digitais, atingindo uma dimensão maior de interlocutores, sendo surdos ou ouvintes. As surdas feministas são, inclusive, poetisas e têm seus trabalhos traduzidos para o português. Neste estudo, por exemplo, propomos a análise de uma tradução de um poema em Libras para o português.

3 MÉTODO DE PESQUISA

Nesta pesquisa, adota-se a abordagem qualitativa, mais precisamente o método de crítica da tradução. Para Godoy (1995, p. 21), “a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a proporem trabalhos que explorem novos enfoques”.

Os primeiros passos da pesquisa consistiram na delimitação da obra e na definição do percurso interpretativo adotado pelos pesquisadores. Inicialmente, partiu-se de uma temática mais ampla, contemplando o feminismo presente nas comunidades surdas e o gênero literário poema, para, posteriormente, estabelecer um recorte mais específico. Nesse processo, a interpretação não se restringe ao conteúdo explícito da obra, mas busca compreender os significados subjacentes, conforme afirma Godoy (1995, p. 24): “Esta interpretação deverá ir além do conteúdo manifesto dos documentos, pois, conforme indicado anteriormente, interessa ao pesquisador o conteúdo latente, o sentido que se encontra por trás do imediatamente apreendido.”

A crítica de tradução é uma “prática avaliativa que oferece reações distintas de traduções literárias publicadas”, o crítico tem o papel de “analisar em detalhes e normalmente pressupondo que o leitor já conheça as referidas obras” (Mayer, 2000, p.

2005). Cardozo (2015) complementa que o pesquisador que se debruça para desenvolver uma crítica da tradução, geralmente, já é um crítico literário e alguém envolvido nos meandros da tradução.

Para Katharina Reiss (2000), no livro *Translation Criticism – Potentials and Limitations* (Crítica da tradução: possibilidades e limitações), a crítica da tradução é uma disciplina que integra uma série de escolhas ampliando as ideias dos funcionalistas do campo dos Estudos da tradução. A crítica baseia-se principalmente em três dimensões: literatura, linguística e extralinguística.

Dentre as diversas possibilidades de poesias, definimos as obras da artista surda Renata Freitas, que têm uma literatura extensa de vídeogravada e disponível para o estudo. Dessa forma, a primeira etapa consistiu em: 1) planejamento da pesquisa; 2) execução – identificação de obras de literatura surda; e 3) seleção das obras para análise. Para selecionar as obras que comporiam o *corpus* deste trabalho, foram elencados critérios de inclusão e de exclusão, dispostos no Quadro 1.

Quadro 1 – Critérios de inclusão e exclusão no *corpus* da análise

Critérios de Elegibilidade	
Inclusão (I)	Exclusão (E)
Conteúdo principal: produção de literatura surda.	Obras que não tenham relação com literatura surda.
Tipo de documento: obras literárias vídeogravadas a partir dos anos 2000 em língua de sinais que tenham tradução para o português.	Tipo de documento: obras literárias impressas e publicadas de forma autônoma, por exemplo, em <i>sites</i> , <i>blogs</i> ou redes sociais, mas que não tenham tradução para a Libras vídeogravada.
Acesso ao material completo dos documentos (obra literária).	Falta de acesso aos textos completos (obra literária).
Línguas: Língua brasileira de sinais e Português.	Produções de idiomas diferentes dos indicados.
Tradutores brasileiros que tenham experiência na produção literária em Libras e em tradução.	Estudos duplicados.

Fonte: Produzido pela autora (2026).

A partir do levantamento inicial realizado por Albres (2024), foram identificadas as obras traduzidas da Libras para a língua portuguesa produzidas pela artista Renata Freitas que atendiam aos critérios estabelecidos para esta pesquisa.

4 SOBRE A ARTISTA

Renata Freitas é surda, formada em Letras-Libras pela Universidade Federal do Ceará (UFC), especialista em Libras: docência e tradução. Atualmente, é professora da UFC e ministra aulas de literatura em Libras e oficinas de poesia em Libras, além de ter uma vasta produção de poesia em Libras. Possui um canal no *Instagram* (*renata_freitas_libras*) no qual compartilha algumas de suas produções, abordando diferentes temas, mas na centralidade está o ser feminino. No ano de 2022, com o apoio da Lei Paulo Gustavo e da Secretaria da Cultura do Governo do Ceará, um projeto especial foi criado para compartilhar novos poemas em Libras, os quais estão disponíveis na página <https://renatafreitaslibras.com.br>, em que cada um está acompanhado de um desenho autoral.

Quadro 2 – Páginas da autora Renata de Freitas



Fonte: Produzido pela autora (2026)

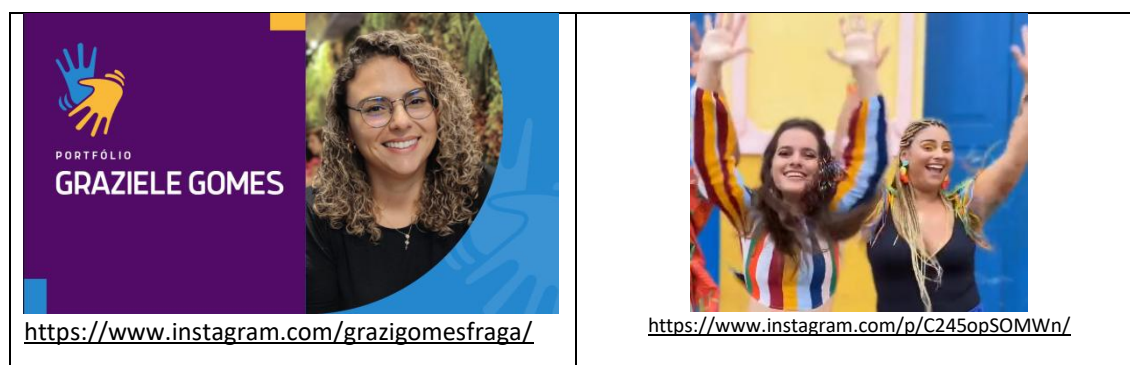
O site “renatafreitaslibras.com.br” está no ar com cinco poemas em vídeolibras atualmente. Estas produções fazem parte do projeto aprovado no 13º Ceará das Artes, que

contou com o apoio da Lei Paulo Gustavo - Secult/CE. No *Instagram*, também foram identificados outros poemas vinculados a projetos distintos, como o *Vozes Surdas*, ampliando o conjunto de produções literárias disponibilizadas na plataforma.

5 SOBRE A TRADUTORA

Graziele Gomes é mestra em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com pesquisa voltada à interpretação em equipe mista, composta por intérpretes surdos e ouvintes, na esfera artístico-musical; especialista em Ensino e Tradução de Libras (UNI7); bacharel em Letras Libras (UFSC) e Servidora da Universidade Federal do Ceará (UFC). Sua atuação profissional abrange a tradução e a interpretação nas áreas da educação, de conferências e das artes e da cultura, bem como a docência em cursos de formação de tradutores e intérpretes de Libras–português. Além disso, é pesquisadora integrante do Laboratório de Tradução Audiovisual (LATAV), da Universidade Estadual do Ceará (UECE), e do Núcleo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais e Línguas Vocais - INTERTRADS (UFSC). CV: <http://lattes.cnpq.br/5745824820412987>.

Quadro 3 – Páginas da Tradutora Grazielle Gomes



Fonte: Produzido pela autora (2026)

A segunda etapa teve como foco a visualização, descrição, análise e interpretação do poema traduzido. Para o procedimento de análise, fundamentamo-nos nos estudos

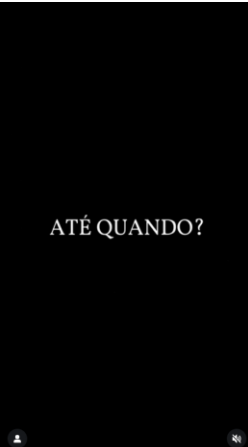
dialógicos do discurso, que enfoca o sentido do texto, considerando o gênero do discurso, o contexto social e histórico e o projeto discursivo do material traduzido.

A fase de análise, como crítica da tradução, consistiu na interpretação a partir da construção de sentidos da pesquisadora sobre os sujeitos (autora e tradutora) e seus discursos, a ideologia a que autores e interlocutores estão submersos para a reconstrução e compreensão dos enunciados, a história de vida e a constituição da materialidade da linguagem.

6 CRÍTICA DA TRADUÇÃO: UMA ANÁLISE ENUNCIATIVO-DISCURSIVA

Nesta seção, apresentamos a crítica da tradução propriamente dita. A análise desenvolve uma reflexão sobre os efeitos de sentido produzidos pela tradução e sobre as escolhas tradutórias realizadas, em comparação com a obra na língua de partida. O poema foi extraído do projeto “Vozes surdas”, conforme apresentado abaixo.

Quadro 04 - Canal do *Instagram* do projeto “Vozes surdas”

 vozessurdas ... Projeto Vozes Surdas 23 posts 3.818 seguidores 67 seguindo Mulheres que marcam! Aqui contamos histórias, compartilhamos sonhos, lutas e ideais.	
	vozessurdas e outros 2 Áudio original vozessurdas Poesia: "Até quando?" [Versão em Português] Até quando? Nos entregamos de corpo e alma, E ainda assim, sonhos destruídos, um a um. Destroçadas. Nossas posses são tomadas, uma a uma. Sem rumo, desgarradas. Nossos filhos são luz, Mas mesmo assim, sofremos na solidão. Desprezadas. Algozes, crimes ocultos. Corpos enterrados da calada da noite. Vidas cefaladas, mortes impunes. Sonhos afogados, à deriva. A cada minuto, morre Maria, morre Cláudia, morre Joana. Vidas dilaceradas. Quando, nós mulheres, teremos paz? [Audiodescrição] Curtido por elaineaparecidade_oliveira e outras 1.407 pessoas 24 de março de 2024 Adicione um comentário...
Disponível em: https://www.instagram.com/p/C45rxh0u_LK/ Produtora - Poetisa – Atriz - Desenhista: Renata Freitas https://www.instagram.com/renata_freitas_libras/ Tradução e locução: Graziele Gomes @grazigomesfraga Produção e edição: Tainah Parente @tay.parente	

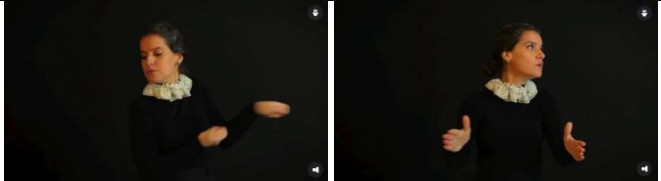
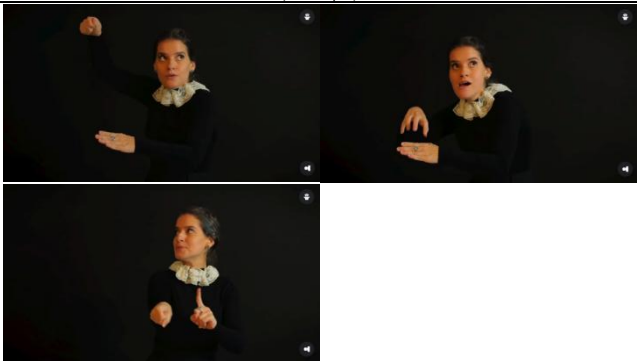
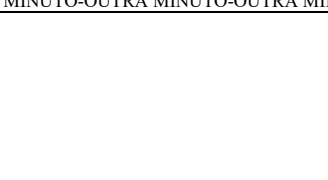
Conforme apresentado, o *layout* do *Instagram* permite ao leitor visualizar lado a lado o vídeo e o texto da tradução. Quando toca o vídeo, o mesmo texto escrito ao lado é falado ao longo do vídeo, assim o interlocutor que aprecia o poema pode visualizar tanto o vídeo quanto acompanhar o texto escrito e falado simultaneamente, ou focar o olhar somente no vídeo ou somente no texto. São muitos elementos apresentados simultaneamente. Para a análise, decompomos as informações do vídeo e construímos o Quadro 4 com colunas, compilando os elementos para apresentação paralela das camadas de informações. São elas: 1) camada da Libras e encenação; 2) camada do português falado; 3) camada de música; e 4) camada de sonoplastia.

Na coluna referente à camada da Libras e encenação, apresentamos capturas de tela do vídeo, especialmente dos trechos que contêm sinais lexicalizados e sinais correspondentes ao português. Além disso, desenvolvemos uma descrição da linguagem empregada pela poetisa, bem como dos sinais realizados ao longo da performance. As linhas do quadro que apresentam a encenação com o balão vermelho foram destacadas com fundo rosa, a fim de evidenciar os trechos em que a metáfora é construída no poema e facilitar a visualização desse recurso durante a análise. Além disso, algumas palavras foram destacadas em vermelho por estarem relacionadas às ações desempenhadas pelo balão. O plano do sentido e da forma destas palavras serão analisados no Quadro 6.

Quadro 05 - Comparação das dimensões de significação do poema

CAMADA DA LIBRAS E ENCENAÇÃO		CAMADA DO PORTUGUÊS FALADO	CAMADA DE MÚSICA	CAMADA DE SONO-PLASTIA
		Até quando?	Música incidental (trilha sonora de suspense/terror) 	

		Nos entregamos de corpo e alma	Música incidental (trilha sonora de suspense/terror)	
Oferece a ALMA e depois um balão direcionado à frente. Expressão facial de contentamento e felicidade.				
		E ainda assim, sonhos destruídos, um a um	Música incidental (trilha sonora de suspense/terror)	Som de tiros, 4 tiros que se encaixam à Libras
SONHO (mão esquerda) ATIRAR (com mão direita) 1, 2, 3, 4 vezes e a cada tiro um dedo é subtraído. Depois a mão esquerda em que estava sinalizando o do sonho CAI.				
		Destroçadas	Música incidental (trilha sonora de suspense/terror)	
AÇÃO – Estoura o balão um alfinete Expressão facial de desprezo.				
		Nossas posses são tomadas, uma a uma	Música incidental (trilha sonora de suspense/terror)	
SALÁRIO dar, dar, dar para o interlocutor à frente SALÁRIO-CAPTURADO, CAPTURADO, CAPTURADO para esse feito aumente ao número de dedos.				
		Sem rumo, desgarradas	Música incidental (trilha sonora de suspense/terror)	
AÇÃO – Estoura o balão com os dedos das duas mãos. Expressão facial de aversão.				
		Nossos filhos são luz,	música incidental (trilha sonora de suspense/terror)	
BARRIGA REDONDA NASCER ACARICIAR-CRIANÇA COLOCAR-COLO EMBALAR				
		Mas mesmo assim, sofremos na solidão.	Música incidental (trilha sonora de suspense/terror)	Som de bebê chorando
CHAMAR (mão direita) ACARICIAR-CRIANÇA (mão esquerda) IR-EMBORA (mão direita) EMBALAR ACARICIAR-BEBÊ				
		Desprezadas	Música incidental (trilha sonora de suspense/terror)	

AÇÃO – Jogar o balão para cima e empurrar o balão para longe Expressão facial de desprezo				
		Algozes, crimes ocultos	Música incidental (trilha sonora de suspense/terror) 	Som de passos 
CAMINHAR-SEGURANDO-FACA-PONTIAGUDA ESFAQUEAR PASSAR-TEMPO				
		Corpos enterrados da calada da noite	Música incidental (trilha sonora de suspense/terror) 	Som de pá cavando 
CAVAR-PÁ FECHAR-BURADO (disfarçar)				
		Vidas ceifadas, mortes impunes.	Música incidental (trilha sonora de suspense/terror) 	Som de fechamento do zíper 
ABRIR-BAÚ PEGAR COLOCAR-BOLSA FECHAR O ZIPER PESSOAS-CARREGAR-SACOLA (expressão facial de disfarce)				
		Sonhos afogados, à deriva.	Música incidental (trilha sonora de suspense/terror) 	Som de água 
Afundar a cabeça de uma pessoa e borbulhas da água				
				
Corpo boiando				
		A cada minuto, morre Maria, morre Cláudia, morre Joana	Música incidental (trilha sonora de suspense/terror) 	Som do movimento do ponteiro do relógio 
MINUTO-OUTRA MINUTO-OUTRA MINUTO-OUTRA MINUTO MINUTO MINUTO				

		Vidas dilaceradas	Música incidental (trilha sonora de suspense/terror) 	
AÇÃO – Espalhar as partículas de balões estourados Expressão facial de indiferença				
 mulheres	 teremos paz?	Quando, nós mulheres, teremos paz?	Música incidental (trilha sonora de suspense/terror) 	
QUANDO NÓS MULHERES PAZ - (expressão facial de pergunta)				

Fonte: Produzido pela autora com base no vídeo. Disponível em:
https://www.instagram.com/p/C45rxh0u_LK/

Conforme compilado no Quadro 05, além dos aspectos linguísticos enunciados em Libras e em português, há diversos elementos extralinguísticos no poema que contribuem significativamente para a construção de sentidos, como a vestimenta; objetos - o balão é um objeto que representa a alma e a vestimenta da poetisa; sonoplastia - como o som do bebê chorando, pá cavando e água corrente.

Na primeira camada, denominada de “Camada da Libras e Encenação”, o material apresenta alguns aspectos linguísticos e muitos extralinguísticos, compostos pela poetisa de frente para a câmera, em meio corpo, performatizando o poema. O vídeo tem fundo preto e a poetisa utiliza uma vestimenta com manga longa preta e uma gola de babado rendado branco. Essa vestimenta geralmente representa uma combinação de elegância atemporal, sofisticação e um toque de dramaticidade ou romantismo, dependendo do material e do contexto. A composição aposta na dualidade e no contraste, elementos que provocam o interlocutor e contribuem para a construção de sentidos. As cores opostas produzem um contraste visual marcante, evocando, simultaneamente, as ideias de equilíbrio e de diferença. Todos esses elementos não são traduzidos para o português falado, pois são vistos no momento da poesia.

A adição do vermelho no objeto manipulado pela poetisa (balão) transforma completamente a mensagem do traje, adicionando um elemento de dor e sangue, referindo-se até à morte. Estes elementos são interpretados pelo processo de construção de sentidos relacionado ao contexto enunciativo e não são traduzidos. É o interlocutor que infere e compreende cada um a seu modo.

O balão vermelho é manipulado de diferentes formas ao longo da performance: é entregue, apertado, estourado e empurrado. Considerando que a temática do poema aborda o sofrimento de mulheres em relacionamentos abusivos, infere-se que, na primeira interação com o balão, a poetisa incorpora a figura da mulher, entregando-o a outra personagem. Nesse contexto, o balão pode ser interpretado como uma representação metafórica da alma e da vida da mulher. Nas demais ocorrências em que o balão é manipulado, deduz-se que as ações são atribuídas à figura masculina, uma vez que todas correspondem a atos de violência dirigidos ao objeto, reforçando seu valor simbólico na construção dos sentidos do poema.

Assim, nos momentos subsequentes, infere-se que a poetisa incorpora a figura masculina, que manipula o balão vermelho por meio de ações de caráter violento. Na tradução, essas ações são representadas pelas palavras *destroçadas*, *desgarradas*, *desprezadas*, e *dilaceradas*. Embora apresentem nuances semânticas distintas, esses vocábulos convergem ao expressar estados de ruptura, sofrimento, dano profundo, abandono e isolamento, reforçando os efeitos de sentido produzidos pela metáfora do balão e pela temática da violência contra a mulher.

Apresentamos, a seguir, o Quadro 6, que reúne uma síntese semântica elaborada a partir da crítica da tradução.

Quadro 06 - Comparação dos trechos com ação do objeto balão em relação ao plano do sentido e da forma

Encenação	Português	Plano do sentido	Plano da forma
Alfinetar o balão e o estourar 	Destroçada	A palavra destroçada sugere algo que foi quebrado, desfeito ou arruinado em múltiplos pedaços, frequentemente de forma violenta ou abrupta. No amor, é comum o uso da metáfora do coração “destroçado”.	Todas as palavras compartilham o prefixo de origem latina “des-” ou “di-” (em “dilaceradas”). Estes prefixos indicam, em geral, uma ideia de separação, negação, ou intensidade da ação. A semelhança sonora é notável no início de cada palavra. Todas são palavras longas (polissílabas). Todas terminam em “-adas”, uma terminação comum para participios passados femininos no plural, o que cria uma rima perfeita e um ritmo cadenciado quando lidas em sequência.
Apertar o balão e o estourar 	Desgarrada	A palavra desgarrada refere-se a algo ou alguém que se afastou do seu grupo, caminho ou lugar de origem, indicando perda de direção ou abandono. Mais comum o emprego de ovelha desgarrada, um jovem que saiu de casa.	
Jogar o balão para cima e empurrar para longe 	Desprezada	A palavra desprezada implica um sentimento de desvalorização, rejeição ou desdém por parte de outros, indicando falta de consideração ou importância. Utilizada no sentido de ser ignorada, uma pessoa que se sente rejeitada.	
Espalhar as partículas de balões estourados 	Dilaceradas	A palavra dilacerada descreve algo que foi rasgado, cortado ou profundamente ferido, muitas vezes com grande sofrimento emocional ou físico.	

Fonte: Produzido pela autora (2026).

Conforme apresentado no Quadro 06, referente à camada 2 do projeto, as palavras selecionadas para a tradução, no português falado, convergem ao evocar sentidos de fragmentação, perda e sofrimento. A tradução reafirma a metáfora do balão, mas não a descreve detalhadamente, uma vez que a ação com o balão é visualizada pelo interlocutor no mesmo momento em que são pronunciadas palavras relacionadas pela tradutora. O balão é um signo dinâmico e flexível. Inicialmente, carrega o valor de “vida/alma” entregue ingenuamente. Ao longo das ações de violência (apertado, estourado, empurrado),

o signo é reacentuado. O vermelho deixa de ser a cor da paixão e passa a ser, ideologicamente, o signo do sangue e do feminicídio.

Dessa forma, a tradução buscou o sentido (plano do conteúdo linguístico) e reelaborou na língua da tradução a dimensão estética (plano da forma linguística). A similaridade fonética entre as palavras “destroçadas”, “desgarradas”, “desprezadas” e “dilaceradas” reside principalmente em dois aspectos: uso de prefixos similares, estrutura silábica e terminações, palavras longas (polissílabas); e a sequência de sons vocálicos e consonantais no final é idêntica.

Embora não seja estritamente fonético, a sonoridade das palavras, com seus sons fricativos (s, z) e oclusivos (d, t), contribui para a sensação de algo que foi quebrado, partido ou separado de forma violenta, o que reforça o sentido de sofrimento ou dano, criando uma coerência estilística e rítmica.

Por sua vez, na camada de música (3), que acompanha toda a sinalização e voz que pronuncia o poema em português falado, é apresentada uma música de suspense (uso de instrumentos de cordas (violinos, violoncelos), sintetizadores, sons de ambiente e ritmos lentos ou irregulares) que tem como propósito manipular as emoções do público, criando tensão, ansiedade e medo. Mesmo quando nada visualmente ameaçador acontece, a sinalização é lenta e a fala é cadenciada e devagar por meio de ritmos, dissonâncias e mudanças bruscas. A música ativa respostas fisiológicas como o estado de alerta, intensificando a imersão e a conexão com o tema de suspense e medo. Ela funciona como uma ponte para o efeito de sentido de terror, preparando o interlocutor para o desfecho em cada cena, acentuando o desconforto. Essa música combina-se a sons específicos que complementam a compreensão da fala e da sinalização.

Então, no projeto enunciativo-discursivo do poema, é aplicada uma camada de sonoplastia (camada 4) que, coordenada com a sinalização, sincroniza-se com momentos

específicos, como a apresentação dos sinais: EMBALAR ACARICIAR-BEBÊ, acompanhados pelo som do choro de um bebê, ou quando a poetisa incorpora a figura masculina, representando o ato de retirar os pertences da mulher, colocá-los em uma sacola e realizar o sinal FECHAR-ZÍPER. Essa camada de sonoplastia é essencial para a compreensão das cenas e para a construção de sentidos do poema, sendo similar ao projeto de filmes de terror clássicos.

Reis e Vermeer (2014) consideram que o tipo de texto vai conduzir a tradução. Dito de outra forma, os tradutores precisam considerar o gênero discursivo/textual e os elementos semióticos. Indicam ainda que, apesar das propostas de classificação textual, existem textos híbridos (*hybrid forms*), ou seja, textos que perseguem duas ou mais intenções comunicativas. Consideramos que os poemas feministas podem, mas também querem visibilizar a violência, a desigualdade e promover a informação, a indignação, tocar para a ação. O desconforto provocado pelo poema convida à reflexão, sendo capaz de impulsionar debates e transformações sociais.

Os autores Reis e Vermeer (2014, p. 184-185) destacam que “múltiplas intenções podem ser colocadas em uma ordem hierárquica (ou seja, uma função é subordinada à outra) ou podem ter peso igual”². Neste contexto, os tradutores, ao identificar as diferentes intenções (sendo um texto híbrido), como em um poema que tem a intenção informativa e a forma estética (rima, métrica) simultaneamente combinam os tipos expressivo e informativo. “Ambas as funções devem ser consideradas de igual importância, pelo menos em inglês. Se o texto for traduzido para outro idioma, o tradutor terá que decidir qual

² “Intentions can be put into a hierarchical order (i.e. one function is subordinate to the other) or they can have equal weight” (Reis; Vermeer, 2014, p. 184-185).

função manter, a menos que o idioma de chegada permita a retenção de ambas (para mais informações sobre a relevância da tradução”³) (Reis; Vermeer, 2014, p. 184).

O vídeo-poema é um enunciado concreto, historicamente situado, impregnado de ideologia e em constante diálogo com o mundo. A autora, a tradutora e a produtora são mulheres envolvidas em projetos sociais e políticos de enfrentamento das desigualdades vividas por mulheres. Constatamos que o projeto discursivo de Renata Freitas e a materialização da tradução fundida nasce de uma situação extralinguística compartilhada: a violência de gênero e o patriarcado. Para Volóchinov (2017), a palavra (e aqui, o signo gestual e visual) é o território da ideologia refletido no projeto discursivo da autora, refletido e refratado na tradução.

Destacamos que, na tradução, a escolha dos nomes (Maria, Cláudia, Joana) materializa o conceito bakhtiniano de cronotopo (tempo-espço) e memória discursiva (Bakhtin, 2015). Esses nomes não são meras escolhas linguísticas; são signos ideológicos que evocam as estatísticas reais do feminicídio no Brasil contemporâneo, desde a Maria da Penha, que remete à Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006), marco legal que protege mulheres contra a violência doméstica, a outros nomes de mulheres comuns. O poema responde a essa realidade e, ao mesmo tempo, interpela o interlocutor a tomar uma posição.

Diante da interpretação das diferentes camadas que contribuem para a construção de sentidos no poema videogravado, em sua edição final, constatamos que a intenção expressiva/estética desempenha um papel fundamental na organização do texto. Essa intenção busca evocar emoções e sensações por meio da valorização da forma linguística e

³ “Both functions have to be regarded as carrying equal weight, at least in English. If the text is translated into another language, the translator has to decide which function to retain, unless the target language allows him to retain both (for more on translation relevance” (Reis; Vermeer, 2014, p. 184).

dos recursos expressivos, como metáforas, ritmo e rimas, potencializando a experiência estética do interlocutor e a construção dos efeitos de sentido.

Na tradução para o português falado, essa intenção é reconstruída, porém não por meio de uma correspondência direta entre cada expressão em Libras e sua tradução. A relação entre as duas versões estabelece-se de forma sobreposta, preservando o projeto enunciativo-discursivo e os efeitos de sentido da obra, ainda que por meio de recursos linguísticos distintos, em razão das especificidades de cada modalidade de língua. Por sua vez, a intenção informativa, relacionada à denúncia da opressão e da violência vivenciadas por muitas mulheres, também é reconstruída na tradução, embora de maneira tangencial em determinados momentos, estabelecendo relações de aproximação, complementaridade e, por vezes, de não correspondência em relação ao texto em Libras. Esse tipo de tradução vai além de uma tradução apresentada de forma independente, pois não produz os mesmos efeitos de sentido quando dissociada do vídeo. Sua realização parece estar necessariamente vinculada ao poema videogravado, com o qual estabelece uma relação de interdependência. Por essa razão, propomos a denominação **tradução fundida**, entendida como um amálgama entre o texto de partida e sua tradução

A união de todas essas camadas na **“tradução fundida”** gera o que Bakhtin chama de acabamento estético (Bakhtin, 2017). O poema e a tradução não buscam apenas informar, mas transformar o horizonte social do interlocutor. Proponho o conceito de **“Tradução Fundida”** para designar o fenômeno tradutório audiovisual e intermodal em que o texto de partida e o texto de chegada deixam de operar em esferas paralelas (como na tradicional relação de subordinação da legenda ou da janela de intérprete de Libras) e passam a coexistir de forma amalgamada, indissociável e orgânica na própria materialidade estética do produto vídeo-poema.

Na “**Tradução Fundida**”, a tradução não é um apêndice ou uma sobreposição tardia; ela é concebida como elemento estruturante e constituinte da própria obra como um enunciado concreto único. Trata-se de uma fusão em nível molecular entre:

1. A performance corporificada (Língua de Sinais);
2. A textura da língua vocal-auditiva (Língua Falada);
3. A cenografia visual e os objetos manipulados;
4. A paisagem sonora (sonoplastia e música).

Assim, traduzir de forma “fundida” significa amalgamar a voz original e a voz do tradutor em um novo evento de linguagem.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões que traçamos para esta pesquisa foram: Quais os elementos enunciativo-discursivos que a tradução consegue reconstruir? Qual a tensão entre distanciamento e aproximação do poema que inspira sua tradução? Que papéis a tradução tem no produto vídeo-poema corporificado em Libras e falado em português?

A análise do projeto discursivo da poesia da autora Renata Freitas e sua tradução por Grazielle Gomes, sob a premissa enunciativo-discursiva, envolve considerar a linguagem como uma prática social e o texto como um enunciado que reflete as intenções do autor e as condições de produção (culturais, sociais e históricas). Nesse projeto, evidenciamos a complexidade da tradução desse material híbrido permeado pelo gênero poesia que por si combina funções expressivas (estética, rima, métrica) e informativas.

Descrevemos como a tradução de Grazielle Gomes recorre à estratégia de compensação e recriação. Assim, ao se deparar com a dificuldade de reter simultaneamente a rima, a métrica e a informação, a tradutora faz escolhas estratégicas. Ela sacrifica a literalidade das informações para manter a forma estética e o impacto emocional.

A “premissa enunciativo-discursiva” orienta a tradutora a olhar além das palavras isoladas e a considerar o ato de enunciação completo, quem disse o quê, a quem, quando, onde e com que propósito. A tradução deve, idealmente, evocar um efeito semelhante no interlocutor ouvinte da poesia, seja ele conhecedor da Libras ou não. A tradução não é uma tradução a ser apresentada apartada do enunciado em Libras, é uma tradução para compor, para fundir-se ao vídeo, em especial pela entonação da voz empregada pela tradutora que também desenvolve o papel de locutora, assim como a música incidental de suspense, caracterizada por criar tensão, medo e mistério por meio de sons sombrios, sinistros, atmosféricos, manipulando as emoções do público para mantê-lo alerta.

As decisões equilibram as múltiplas intenções do texto de partida, sempre guiadas pelo objetivo final da tradução (projeto enunciativo-discursivo). Essa forma de produção da tradução e edição conjunta não se configura como uma mera forma de apresentação de texto bilíngue, quando o texto original e a tradução são apresentados lado a lado. Nesses casos, o texto traduzido “complementa” o sentido, pois permite ao leitor ir além de comparar diretamente com o original, entendendo as escolhas do tradutor e as sutilezas de cada escolha, o que denominamos de “**tradução fundida**”.

A **tradução fundida** é o resultado de um projeto discursivo autoral que, imerso no dialogismo entre duas culturas, materializa-se em um enunciado concreto renovado, recebendo o seu acabamento estético final pelas mãos e pelo olhar analítico do tradutor.

REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva de Aquino. Performances literárias-poéticas de mulheres surdas: um estudo documental sobre temáticas e representações de violência contra a mulher surda. **Fórum Linguístico**. Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 10386-10406, abr./jun. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2024.e96132> Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.../forum/article/view/96132>

ALBRES, Neiva de Aquino. Políticas públicas de acesso à arte e cultura em Libras: políticas linguísticas e políticas de tradução. **Travessias Interativas**. São Cristóvão (SE),

n. 22 (Vol. 10), p. 366–385, jul-dez/2020a. DOI: <https://doi.org/10.51951/ti.v10i22>
Disponível em: <https://seer.ufs.br/.../Travessias/article/view/15344/11586>

ALBRES, Neiva Aquino. Os espaços da Libras em contextos artístico-culturais e literários e a formação de tradutores e intérpretes de Libras-português. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.23, n. 4, p. 1248-1273, out.-dez. 2020b.
DOI: <https://doi.org/10.15210/rle.v23i4.18467> Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/.../article/view/18467/12040>

ARAÚJO, M. A. *et al.* Capacitismo materno de mulheres surdas: tradução, interpretação e direito linguístico com base na narrativa autoetnográfica. In: SANTOS, S. A.; RODRIGUES, C. H. (org.). **Traduções, culturas e comunidades**: singularidades e pluralidades em (des)encontros do eu com os outros. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. p. 171-198.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I**: a estilística. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015. 256p.

BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo Editora 34, 2017.

CARDOZO, M. M. Tradução & os sentidos da crítica. In: AMORIM, L. M.; RODRIGUES, C. C.; STUPIELLO, E. N. A. (org.). **Tradução &**: perspectivas teóricas e práticas [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 233-262.

CAMPOS, Haroldo de. Da tradução como criação e como crítica. In: CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem e outras metas**: ensaios de teoria e crítica literária. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 35.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GUERRETTA, Clarissa Luna Borges Fonseca. **A (in)visibilidade das mulheres surdas**: protagonismo na sociedade contemporânea. Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, 2023. Disponível em: <https://posciencialit.letras.ufrj.br/wp-content/uploads/2024/02/clarissaguerretta.dissertacaofinal.pdf>

KLEIN, Madalena; FORMOSO, Daniele de Paula. **Gênero e Surdez**. 2017. Disponível em: <https://seer.unisc.br/index.php/reflex/article/view/225/172>

MAYER, C. Reviewing and criticism. In: BAKER, Mona. **Routledge encyclopedia of Translation Studies**. Routledge: London and New York. 2000. p. 205-210.

MELLO, A. G. de; NUERNBERG, A. H. Gênero e deficiência: interseções e perspectivas. **Revista Estudos Feministas**, 20(3). 2012, pp. 635–655. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000300003>

OLIVEIRA, Giovana Maria de. **“Ensinando a transgredir”**: um estudo do feminismo surdo e suas contribuições para a educação de pessoas surdas. 2024. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Curitiba, 2024. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/94484?show=full>

PERLIN, G.T.T.; VILHALVA. S. Mulher surda: elementos ao empoderamento na política afirmativa. *In*: INES, **Revista Forum**, Rio de Janeiro, n. 33, jan-jun 2016, p.127-138. Disponível em: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-forum/article/view/400> . Acesso em 06 jan. 2024.

REISS, K. **Translation Criticism** – The Potentials & Limitations, trad. Erroll F. Rhodes, Surrey, St. Jerome Publishing. 2000.

REIS, Katharina; VERMEER, Hans J. **Towards a general theory of translational action: skopos theory explained**. Translated from the German by Christiane Nord English reviewed by Marina Dudenhöfer Nova York: Routledge, 2014 [1984]. http://traduttologiageneralenz.pbworks.com/w/file/139448655/Katharina%20Reiss,%20Hans%20J%20Vermeer%20-%20Towards%20a%20General%20Theory%20of%20Translational%20Action_%20Skopos%20Theor.pdf

RODRIGUES Rejane Lopes; ARAÚJO, Priscila Silva. Feminismo, cultura do estupro e violência contra mulheres surdas: algumas contribuições da equipe de humanas do CAP/INES para o letramento de gênero entre estudantes surdos. **Revista Espaço**. n. 62, jan-jun de 2025. Disponível em: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1884>

SHUBERT, Carla Oliveira. **Vulnerabilidades de mulheres surdas no âmbito de sua saúde sexual e reprodutiva**. 2022. 134 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Faculdade de Enfermagem, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/20989>

SILVA, I. A mulher surda hoje: novas formas de significar o movimento surdo. *In*: **SENALE, UCPel, 2017**. Anais. Disponível em: https://ucpel.edu.br/senale/cd_senale/2013/Textos/trabalhos/119.pdf. Acesso em: 14/06/2024.

SUTTON-SPENCE, Rachel. **Literatura em Libras**. Petrópolis: Arara Azul, 2021.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017, 373p.

RECEBIDO EM: 27 de abril de 2026
APROVADO EM: 09 de maio de 2026
Publicado em julho de 2026